

Embu

A criativa Terra das Artes

Lina Albuquerque

Da expressão indígena que inspirou o nome da cidade — Embu deriva da corruptela da palavra guarani **mbai-ra**, que significa "aquele que vive distante" — nada mais resta. Desde o início da década de 60, quando o sossegado povoado fundado por volta de 1550 pelo jesuítas foi invadido por um grupo de artistas, liderado pelo poeta Sólon Trindade e pelos escultores Claudionor Assis e Shakai, o recanto situado a 30 quilômetros de São Paulo transformou-se num movimentado centro turístico. Aos domingos e feriados, mais de 25 mil pessoas se dirigem para lá, atraídas especialmente pelas feiras de artesanato e artes plásticas.

Os principais pontos turísticos estão concentrados na área central: a igreja Nossa Senhora do Rosário, construída em fins do século 17 e tombada pela diretoria do Patrimônio Artístico Nacional, o Museu de Arte Sacra, onde se encontram valiosos exemplares de imagens de santos e composições de cenas do martírio de Jesus, o Museu Folclórico, sem falar nos restaurantes, antiquários, **ateliers** e lojas de móveis rústicos.

A arquitetura dessa região nobre de Embu segue o mais característico estilo colonial. Os restaurantes Patacão — uma casa de dois séculos, antigo salão de encontro dos jesuítas —, The Black Horse Inn e Orixás, próximos à igreja Nossa Senhora do Rosário, têm algo em comum além da ótima cozinha brasileira. Eles funcionam também como antiquários ou galerias de arte.

Alguns turistas não imaginam, no entanto, que do outro lado da



Na feira dominical, artesãos e artistas se misturam

rodovia Régis Bittencourt está um Embu bastante diferente do centro das artes. Fora da região nobre, 80% da população total do município, de 200 mil habitantes, vivem em favelas e cortiços.

A maioria dos pioneiros, a essa altura, saiu das calçadas e entrou para as galerias de arte. A **Terra das Artes** virou apenas **Terra dos Artistas** reclamam alguns deles. Mas com a recente inauguração da Casa da Cultura, também no centro, Embu começa a ter novamente um núcleo de valorização da sua identidade um tanto perdida. A Casa, uma construção colonial baseada no século 16, projetada pela artista plástica e primeira moradora Zezé Egas, já foi sede da Secretaria de Turismo do Município. Mas como a prefeitura não pagou pela desapropriação, o antigo proprietário reintegrou a posse e a alugou

para a Dan, uma promotora de eventos culturais.

A Casa da Cultura foi inaugurada com um recital de poesias de Solano Trindade, feito pela sua filha, a pintora primitivista Rachel Trindade. Os organizadores Eric, Clarice e Dirceu, estão transformando o espaço num centro de cultura destinado a exposições, cursos gratuitos de artes ministrados por artistas, projeção de filmes, debates e danças folclóricas. Vale a pena dar uma chegada lá para conhecer as criativas esculturas em troncos de árvore e durepox de Vicente Bittencourt, as pinturas do argentino Angel Cestac e de Orlando Mattos (chargista da extinta revista **O Cruzeiro**). Na Casa também está exposto um busto de bronze de um escravo com grilhões no pescoço (**Negro Fugitivo**) avaliado em CZ\$ 400 mil, de autoria da primeira moradora, Zezé Egas.

Arquivo